

A TECNOLOGIA E SEU IMPACTO NOS LAÇOS SOCIAIS E PRÁTICAS SEXUAIS

Graciela Bürkli¹

1 Psicoterapeuta Psicanalítica do Centro de Psicoterapia Psicanalítica de Lima. Licenciatura em Educação, área Filosofia, subárea Psicologia. Estudos de psicologia. Professor universitário. Ex-Presidente da Associação de Psicoterapia Psicanalítica. Membro do grupo Psicólogos Contigo. Autor de várias publicações e trabalhos científicos. graciebur@gmail.com

Quando fui convidado a participar deste Congresso e falar sobre tecnologia e seu impacto nos laços sociais e práticas sexuais, pensei que, desde a velhice e, devido à minha prática psicoterapêutica com idosos, poderia compartilhar meu pensamento sobre o tema mudanças tecnológicas e sexualidade, na forma como afetam aspectos de nossa subjetividade individual e social como “velhos”.

O objetivo da apresentação é discutir o papel da velhice em três eixos mutuamente vinculantes: pandemia, tecnologia e sexualidade. Talvez uma primeira coisa seja entender os processos que ocorrem no envelhecimento para prevenir, atrasar ou reverter (falando de forma ambiciosa) fazendo com que o nosso envelhecimento e daqueles próximos à nossa influência não seja apenas uma questão quantitativa, mas, sim, uma questão qualitativa, de qualidade.

Muito trabalho foi feito para conseguir viver mais tempo; no entanto, hoje o envelhecimento é colocado como um problema. É precisamente um problema *porque* o envelhecimento vem sendo adiado, não atendido, escondido. O declínio de nossa capacidade física e mental que ocorre com o tempo é um fato inegável. É o envelhecimento. As estimativas da OMS indicam que entre 2015 e 2050 o percentual de humanos com mais de 60 anos dobrará, passando de 12 para 22%, como vocês podem imaginar, essa mudança demográfica tem associado enormes desafios para os sistemas de saúde e sociais de todos os países do mundo e muito mais para aqueles marcados pela pobreza. No artigo *Maldito Viejo*, do jornal espanhol *La Vanguardia*, Josep Martí Blanch escreve: “Começamos escondendo a Velhice de nosso vocabulário. Talvez pelo medo atávico da decrepitude, quiséssemos eliminar a velhice como experiência coletiva e acabamos com os idosos. E tínhamos que ser pessoas mais velhas (terceira idade, velhinhos dispensáveis, anciãos). Mas, apesar de quase todos nós a estarmos negando, existe a Velhice, indiferente à nossa dissimulação e aos esforços de rejeitá-la”. Há pessoas que fundaram a empresa *Altos Labs* que recrutaram os melhores cientistas, especialistas em genética, em rejuvenescimento para ver se encontram a fórmula que nos impede de envelhecer. O objetivo perseguido é um mundo sem velhice e depois dele... um mundo sem morte? Parece que para a ciência a velhice aparece como algo que não só deve ser combatido, mas como uma doença mortal comum a todos.

Um substrato importante da individualidade é a autossuficiência: ser capaz de atender a questões que são os afazeres diários; envelhecer é ficar dependente, e a autossuficiência associada à liberdade é um bem que nos deixará com muita saudade. Como é difícil aceitar esse substrato que se perde. Como me considero um adulto mais velho? Quando me considero nesta fase? Há um tempo em que devemos aceitar a “velhice”. Exatamente como quando você diz “Já sou um adulto”. Assim, a ideia de “correr uma maratona” deve ficar para trás, haverá quem o faça, mas são poucos, e nego e não aceito, quando envelhecer é o fluir da vida, o processo mais natural do ser

humano. No entanto, é uma fase que não queremos atingir. Há momentos de trânsito. “Paro de pintar o cabelo? Tenho o direito de viver com alguém? Desisto do meu sonho de ir a Paris?” Como explicamos a ideia de plenitude com a qual a vida pode ser vivida? É relativo a cada um, mas é um passo importante. Até que ponto me sinto legítimo em começar minha vida sozinho? As perguntas são válidas e precisamos respondê-las, pois a velhice é algo que acontece com cada um de nós pessoalmente.

Ao pensar nisso há alguns anos, quando comecei a atender idosos, percebi que há uma série de preconceitos que estão no meio e distorcem o nosso olhar: os idosos, independentemente de seu estado real, são considerados inúteis, incapazes de se cuidar, e geralmente passivos: incapazes de atividade. Essa crença é muitas vezes internalizada nos próprios idosos, eles se identificam, quase como doentes de velhice! O envelhecimento não é uma doença, é um privilégio, é um fato. Os dados apontam que 60% dos idosos são autossuficientes, ou seja, sabem cuidar de si e dos outros. O estereótipo socialmente aceito é reforçado pelos meios de comunicação, eles são muito poderosos e têm grande impacto na vida dos idosos, pois determinam comportamentos sociais e institucionais.

A imagem que se projeta da velhice não é positiva ... é meiga, pelo menos, mas você não vê o lado positivo. Somos uma sociedade em envelhecimento e não queremos ver-nos nem assumirmos a nós mesmos.

Isso nos permitiria inovar, criar empregos, novos produtos e serviços.

A velhice como potencial para o desenvolvimento de novas áreas e serviços tecnológicos

Existem necessidades não atendidas de lazer e educação, recreação e entretenimento. Os idosos hoje são um grupo muito diversificado que já não responde aos padrões que ainda existem no imaginário do público e que devem ser tidas em consideração as suas novas possibilidades, desejos e gostos.

Marco Túlio Cícero, sábio e influente escritor da cultura ocidental, em *De Senectute*, única obra latina dedicada aos idosos, faz uma apologia da velhice, dá uma série de razões para não a negar e aceitá-la como um período rico de dons e prazeres, aqueles que - é evidente - são diferentes dos desfrutados em outras épocas, e é para lá que se dirigem as reflexões do livro. É claro que esta não é a velhice a que todos podemos acessar e essa é uma realidade gritante. É “Sobre a Velhice” e é autenticamente um tratado de “gerologia”, como deveria ser chamada a *arte de aprender a envelhecer*, afirma a tradutora espanhola Rosario Delicado Méndez.

É evidente que em sua época o romano Cícero não teve que lidar com os avanços tecnológicos que temos hoje. E aqui estamos nós, colados às telas com consequências melhores ou piores. A solidão, o isolamento e a depressão aumentaram consideravelmente e os especialistas acreditam que isso se deve à Pandemia que o mundo está sofrendo. Como é que esses dispositivos que aumentam nossas capacidades e que medeiam o contato humano não conseguem nos fazer sentir bem? Será que questionamos e

priorizamos a oportunidade de ter mais interações face a face? Talvez! Como uma ânsia de viver, e não perder o tempo que passa por nós com pressa. A pandemia hoje é transversal à vida. A mudança de paradigma que traz novas tendências ao nosso horizonte em todos os tipos de coisas é inegável. As profundas mudanças que a pandemia acelerou remodelam muitos comportamentos humanos. E tudo isso começa a deixar sua marca em nossa subjetividade. O Dr. Benyakar menciona que o que é perturbador é qualquer evento que tenha o potencial de perturbar a psique e afetar a capacidade de integração e elaboração. A natureza de seu impacto depende de sua capacidade de causar descontinuidade na forma de elaboração de cada um.

O tempo de quarentena, com seu confinamento e distanciamento social, provoca mudanças em nossas rotinas, com isso existem diferentes formas de processamento psíquico. Essa interrupção violenta é algo traumático na inter-relação social? Não há dúvida. Na velhice a aceitação das mudanças é difícil e a oportunidade de recuperar o equilíbrio e potencializar ou construir o narcisismo trófico, com a realidade que nos atravessa é ainda mais difícil. É também palco de múltiplos duelos. Como fazer um trabalho de luta nestas circunstâncias? Como se constitui o ser humano se está sozinho?

O coronavírus foi colocado como uma ameaça para o mundo, principalmente para os idosos, pois acentuou a vulnerabilidade, o sentimento de desamparo frente às mudanças e deterioração da idade. Além disso, no Peru, as estatísticas mostravam percentuais muito elevados de mortes entre os homens mais velhos, portanto, essas mudanças em nossas rotinas deixaram sua marca no indivíduo. O distanciamento social fez com que as atividades educacionais, laborais e sociais fossem suspensas e ficamos trancados em um ambiente cheio de incertezas. Como o idoso se acomoda nesse contexto? Como empregar nossos melhores recursos individuais, sociais e emocionais? Onde estamos localizados neste mundo digital, *projetado para os jovens*? O conhecimento do idoso não é intuitivo a esse respeito. Isso marca o lugar onde nos posicionamos diante dessas mudanças. De um lado, as mudanças tecnológicas que são gestadas pelas pessoas e essas outras mudanças fortuitas, grandes, como a pandemia e o distanciamento social que representam uma grande perda. Os idosos sentem que a oportunidade de viver esta vida ao máximo está acabando.

Tecnologia

A pandemia promoveu o uso da tecnologia no dia a dia e aí também encontramos desigualdades: nem todos têm acesso ao mundo digital e há quem perca mais que outros. Os idosos não possuem o conhecimento intuitivo necessário, a forma de abordar a tecnologia é quase com medo, talvez não saibamos naturalmente como tirar proveito das ferramentas tecnológicas que nos são oferecidas atualmente. O mundo digital é quase estranho para nós, esse mundo que para os jovens é mais amigável. Quando o software é desenvolvido, diz-se que deve ser intuitivo, isso tem a ver com fazê-lo a partir de sinais comuns que as pessoas têm que identificar. Se o sujeito mais

velho não estiver socializado com esses signos, não importa o quão intuitivo eles os tornem, ele não responderá. O desenvolvimento tecnológico não vai interessar. Se nos concentrarmos nos idosos, isso é terrível. Nós vamos ficar ao longo do caminho. Nesse sentido, a inclusão digital pode ser registrada como uma dimensão de integração social segundo os princípios em favor da pessoa idosa que a ONU já enunciava em 1991: Independência, Cuidado, Autorrealização e Dignidade (Organização das Nações Unidas, 1991). Os idosos devem se apropriar das tecnologias e incorporá-las de acordo com suas necessidades e interesses do dia a dia, para poder transformar produtivamente nosso tempo. Llorente, Viñaraz e Sánchez (2015), com base em pesquisas qualitativas sobre o uso da internet em idosos, estabelecem quatro categorias de benefícios: informacionais, comunicativos, transacionais e oportunidades de lazer. Portanto, haveria uma ótima opção de enriquecimento aí. O novo paradigma emergente em relação à velhice suscita maior liberdade, destaca a importância da disposição subjetiva para os modos de envelhecer e também relaciona o envelhecimento à atividade. E, acima de tudo, oferece oportunidades com o uso de redes que favoreçam o contato e o social.

Sexualidade

Acredito que essa circunstância que vivemos exigiu uma reinvenção que exige plasticidade, como o idoso constrói sua vida interpessoal? Como exercita sua sexualidade, a capacidade de sentir experiências eróticas e de se expressar sexualmente? Isso envolve sentimentos e comportamentos biológicos, eróticos, físicos, emocionais, sociais e espirituais. A OMS define sexualidade como “uma dimensão fundamental do ser humano”, identidades de sexo e de gênero, orientação sexual, erotismo, vínculo afetivo e amor. Assim, o exercício da sexualidade, que está cheio de estereótipos e preconceitos, se for o idoso, vai ser mais complicado neste momento, porque se você não tiver companheiro e não usar a tecnologia, vai depender e vai problematizar ainda mais essas mudanças e deteriorações típicas da idade. A família acompanhante e os amigos próximos são um componente muito importante da subjetividade do idoso. É diferente envelhecer sozinho do que fazer isso juntos.

São múltiplas as opções em tecnologia para a busca de oportunidades de encontro com pessoas, nas quais os mais velhos podem se sentir intimidados, nas quais vão ao encontro do outro com todos os perigos ou riscos. Embora, se você ousar, encontrará surpresas: “Ao explorar o Tinder, encontrei muitas, muitas pessoas precisando de um companheiro.” Disse Pablo, 74, viúvo há cinco anos, que criou um perfil para encontrar mulheres. “Não me limito a quase nada, apenas aos meus próprios parâmetros, não descubro nada de novo, apenas a minha própria história. Me interessei por saber como era esse mundo, me arrisquei e tudo foi satisfatório. Foi um pouco difícil porque estava entrando num terreno desconhecido e foi até cativante, às vezes, porque descobri que a maioria das pessoas tinha boa vontade para levar a cabo o amor”. “Só uma pessoa me tratou de forma

agressiva, pois no meu perfil coloquei uma foto mais novo!" Ele teve que aprender toda uma nova terminologia criada expressamente: sexting, emoticons, ícones que se prestam ao duplo sentido, usar fotos e conversas que se prestam a migrar para outras situações mais sensuais e sexuais. E a partir de ligações e videochamadas, descrição de sensações, estimulando a fantasia e a imaginação, ele pôde progredir ou, se não encontrava uma parceira que pudesse acompanhá-lo em seu jogo, ele parava. "Na velhice, esconder o corpo, torná-lo invisível pode ser melhor. Conhecer o corpo pelo tato, inalar os cheiros da outra pessoa que no ambiente virtual se perde e ainda mais se eu comparar o que foi vivido com o que é virtual. Mas a intimidade pode ser criada". "Os telefonemas, as fotos, os vídeos, as informações necessárias, encurta distâncias, facilitou a minha sociabilidade, o uso das redes me serviu para o básico, o necessário, e me senti livre para diferentes práticas sexuais que me provocavam e que com a minha parceira não me sentia confortável... E de repente com as aplicações alguém logo encontra alguém que pode dar certo!". Pablo manteve sua presença nas redes até encontrar uma parceira não virtual.

Já a vida em casal é relativa a cada um, mas é uma etapa importante. Por que a velhice tem que ser vivida sozinha se pode ser melhor acompanhada? Quando somos mais velhos, o caráter já está formado e as mudanças abruptas atuais dificultam a vida de quem procura um parceiro. Além disso, para citar Kundera, "Enquanto as pessoas são jovens e a composição musical de suas vidas ainda está em seus estágios iniciais, eles podem escrever juntos e trocar motivos, mas quando eles se encontram e são mais velhos, suas composições musicais estão mais ou menos fechadas e cada diretriz, cada frase significa uma coisa diferente na composição de uma e na da outra". Kundera M. (1984) "A insuportável leveza do ser."

A velhice pode favorecer uma sexualidade com mais tempo, com mais qualidade, com mais criatividade. O que pode levar a um tipo de relacionamento mais livre, não tão "viciante", uma sexualidade mais comunicativa e menos solipsista, um exercício que é mais prazeroso psicologicamente do que fisiologicamente necessário.

Fechando

A interrupção da pandemia teve um impacto diferencial nos idosos. Embora os termos tenham evoluído, a expectativa de vida aumentou, existem aspectos em que ainda existem lacunas, como o uso de tecnologia na velhice. A sexualidade está sendo possível graças a ela, mas quantas têm acesso a esses recursos?

Referências bibliográficas

Blanch, J., (2021) *Diario La Vanguardia, Maldito Viejo*, Madrid.

Ciceron M.T., (2001) *De Senectute*, Editorial Triacastela, Madrid

Kundera M., (1984) *La insuportable levedad del ser*, Tusquets Editores S.A., Barcelona